

Era uma vez um país: para um glossário incompleto do pensar Portugal

Lola Geraldés Xavier

Escola Superior de Educação de Coimbra

lola@esec.pt

Data de recepção do artigo: 17-06-2011

Data de aceitação do artigo: 28-06-2011

Resumo

Neste artigo, questionamos os desassossegos e os desafios de Portugal a partir de pensadores da cultura portuguesa. Centramo-nos em autores do século XIX até aos nossos dias, com destaque para Eça de Queirós e Baptista-Bastos. No final, apresentamos um glossário de reflexões sobre este assunto com base em citações de alguma *intelligentsia* portuguesa.

Palavras-chave: cultura portuguesa – desafios – desassossegos – passado – futuro

Abstract

We question the Portuguese restlessness and the challenges from Portuguese culture thinkers' point of view. We focus our attention on authors from the XIX century to nowadays, especially in Eça de Queirós and Baptista-Bastos. In the end, we present a glossary about this issue based on quotations of several Portuguese *intelligentsia*.

Keywords: Portuguese culture – restlessness – challenges – past – future.

Era uma vez um país
onde entre o mar e a guerra
vivia o mais infeliz
dos povos à beira-terra.
(...)

E o grito que foi ouvido
tantas vezes repetido
dizia que o povo unido
jamais seria vencido.

(José Carlos Ary dos Santos, «As Portas que Abril Abriu», 1975)

Para reflectir sobre o presente de Portugal e as suas perspectivas de futuro é necessário contextualizarmos o país na sua realidade histórico-económico-cultural, pois como refere Eduardo Lourenço «Só temos o passado à nossa disposição. É com ele que imaginamos o futuro» (Lourenço 1997: 7).

Até que ponto os desassossegos e desafios de hoje são diferentes dos do passado? Eduardo Lourenço é apenas um dos nomes que tem reflectido sobre Portugal, os seus desassossegos e desafios. Pretendemos responder a esta questão com base nos testemunhos de intelectuais da cultura portuguesa (maioritariamente escritores) e na imagem de pátria que têm veiculado nos seus escritos. Para isso, focaremos alguns ecos de escritores/pensadores da modernidade até aos nossos dias.

Em consequência da resposta à questão que propomos, trataremos da representação de Portugal e dos portugueses, particularmente entre o século XIX (abordaremos sobretudo Eça de Queirós) e a actualidade, não esquecendo, como se percebe em *Portugal*, de Miguel Torga, que o país é composto por pluralidades – ainda que essas pluralidades se tenham aproximado nas últimas décadas, cada vez mais a um ritmo pós-moderno. Os desassossegos vão-se assim unificando e os desafios lançam desconfiança, como bem têm notado pensadores como Baptista-Bastos.

No final deste artigo apresentamos um glossário incompleto composto por citações de autores da cultura portuguesa onde se pode ler o seu pensar sobre várias vertentes do ser-se português. Esse breviário mostra apenas algumas inquietudes do pensar Portugal, de acordo com alguma *intelligentsia* do país. E é um pensar que, em várias vertentes, se mostra actualizado em quase dois séculos, que é a analepse que propomos. É um pensar que incomoda «como andar à chuva», como escreveu Alberto Caeiro em "O guardador de rebanhos".

Podemos, pois, constatar com Alberto Caeiro em "O guardador de rebanhos", que os portugueses estão doentes dos olhos, como se «O mundo não se [fizesse] para pensarmos nele / (...)/ Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo», isto porque após mais de um século de reflexão, entre Eça de Queirós e as crónicas de Baptista-Bastos, parece não ter havido avanços em algumas áreas estruturantes do país.

Neste breve dicionário, que propomos no final, apenas com algumas entradas, e ainda sem ter em consideração as letras do alfabeto que o Acordo Ortográfico introduz, as perspectivas sobre o que é ser-se português são pouco optimistas. Aliás, Eça de Queirós já no final do

século XIX, em *As Farpas*, escritas entre 1871 e 1872, dizia que um cidadão otimista era uma «*avis rara* nesta terra» (Queirós s/d^a: 262). A causa de tanto pessimismo deve-se à pobreza do país, que Almeida Garrett em 1826, n^o *O Portuguez*, apontava sobretudo como resultado do pouco desenvolvimento da indústria e da agricultura, que na época nos fazia depender de importações, sobretudo de Inglaterra (cf. Garrett 1991: 156).

Este é o «País subdesenvolvido», expressão que termina o poema "Soneto superdesenvolvido", de Ruy Belo, publicado em *País Possível*. Tantas características negativas nestes retratos de Portugal, levam-nos para a recusa da pátria, que não é a mátria de Eduardo Lourenço, mas antes a madrastra visível em Jorge de Sena no poema "A Portugal", de 1961:

Esta é a ditosa pátria minha amada. Não.
Nem é ditosa, porque o não merece.
Nem minha amada, porque é só madrastra.
Nem pátria minha, porque eu não mereço
A pouca sorte de ter nascido dela.

A revolta aumenta ao longo do poema terminando em apoteose:
eu te pertenço. És cabra, és badalhoca,
és mais que cachorra pelo cio,
és peste e fome e guerra e dor de coração.
Eu te pertenço mas ser's minha, não.

Esta não é pois a mátria lusitana exaltada em *Os Lusíadas*, mas antes a madrastra que provoca desencanto, visível neste poema de Jorge de Sena, poema que, como constatamos, estabelece *ab initio* uma intertextualidade, por contraste, com o verso primeiro, do canto III, estância 21, de *Os Lusíadas*.

Almada Negreiros vai mais longe e no "*Ultimatum* futurista às gerações portuguesas do século XX" (1917), enuncia dez razões das causas da decadência de Portugal e que se podem sintetizar em: 1. a indiferença; 2. os interesses dos partidos; 3. a atenção dada à tradição, ao passado, e não ao presente; 4. A saudade; 5. a falta de ódios, logo de força e virilidade; 6. a débil educação familiar e institucional; 7. a «desnacionalização», ou seja, a emigração, a valorização do que é estrangeiro, o recurso com prazer às importações e o dizer mal do país; 8. o descaso em relação à cultura; 9. a falta de equilíbrio entre os interesses comerciais, industriais e artísticos; 10. a não valorização de tipos sociais.

Mais próximo de nós, Miguel Real, em *A Morte de Portugal* (2007), fala dos quatro momentos chave da história dos portugueses:

Cada português percorre na sua vida, recorrente e ciclicamente, estas quatro figurações [origem exemplar (com Viriato); Nação superior (o quinto imperialismo de Pe António Vieira); Nação Inferior (Marquês de Pombal) e Canibalismo Cultural¹] da história e cultura pátrias: ora se sente diminuído face à riqueza económica, ao grau cultural, ao nível científico e ao patamar cívico dos povos europeus do Norte, mas logo transforma a fraqueza em força e se afirma viriatinamente como eivado de uma pureza e humildade vitoriosas relativamente ao luxo decadentista europeu e americano (...). (Real 2007: 16-17)

Este autocanibalismo já fora apresentado anteriormente por Boaventura de Sousa Santos, em *Pela Mão de Alice* (2002), ao analisar Portugal como país semiperiférico, com uma «cultura de fronteira», partindo da hipótese de trabalho de que «a cultura portuguesa não tem conteúdo. Tem apenas forma, e essa forma é a fronteira, ou a zona fronteira» (Santos 2002: 132). Desta forma, conclui-se que «não existe uma cultura portuguesa, existe antes uma forma cultural portuguesa: a fronteira, o estar na fronteira» (Santos 2002: 134). Assim, esta forma cultural de fronteira apresenta-se como uma «porta de vaivém, e como tal nem nunca está escancarada, nem nunca está fechada» (Santos 2002: 136), encontrando-se muito permeável às influências. Deste modo, temos uma cultura portuguesa acêntrica, cosmopolita, vazia de conteúdo, provinciana. Neste sentido, tende a «autocanibalizar-se» (Santos 2002: 135). Constrói-se, desta feita, uma identidade ambivalente, «nem Próspero nem Caliban» (Santos 2006: 237). Consequentemente,

Ser português não é uma nacionalidade: é um calvário. Fomos educados a fazer aquilo que os outros fazem e a gostar daquilo que os outros gostam. Não vivemos de sonho: alimentamos a ilusão, iludimo-nos, e iludimo-nos conscientemente, caminhámos como aturdidos para o abismo sem reflectir, sem interpelar e sem questionar. (Baptista-Bastos 1991: 141)

¹ «Culturalmente falando, o século XX inicia-se, em Portugal, em 1890 e termina em 1986, data da adesão plena à Comunidade Europeia.» (Real 2007: 103). Canibalismo e culturofagia porque os portugueses se foram devorando uns aos outros, cada nova doutrina emergente devorando outra, sobretudo entre «1580 – data da perda da independência – e 1980 – data do acordo de pré-adesão à Comunidade Económica Europeia –, passando simbolicamente pelo ano de 1890 – data do *Ultimatum* britânico a Portugal –, atravessando 400 anos de história pátria» (Real 2007: 15).

Portugal apresenta-se, pois, como um país povoado por habitantes atulhados no medo, na burocracia, no apego a privilégios e hábitos antigos, na falta de espírito crítico, na inveja e no queixume (cf. Gil 2005: 90-91). Um país onde vigora a inveja e o medo como sistemas (cf. Gil 2005: 94). Portugal apresenta-se como um país onde a saudade é a «palavra-mito» da cultura, na expressão de Eduardo Lourenço (Lourenço 1999: 38), vivendo-se um excesso do passado (cf. Lourenço 1999: 106), onde o sebastianismo se inscreve nesta melancolia que não tem permitido afastar os portugueses desse passado. Como escreve Manuel Alegre, num poema de 1967 ("Abaixo el-rei Sebastião"), é «preciso enterrar el-rei Sebastião.» Porém, isso só será possível quando as mentes deixarem de ser (convenientemente) adormecidas e deixar de haver falta de autoconfiança. Como sintetiza José Gil, não é isso que acontece presentemente, pois: «Ninguém se julga capaz, toda a gente se julga inferior à norma ideal de competência» (Gil 2005: 79).

Parece que a doença congénita do Português é a sua *esquizofrenia*: ele é sempre o que não é realmente, definindo-se por uma «instabilidade ontológica» (Lourenço 1997: 23). Esta instabilidade impulsional para a acção, como escreve Manuel Alegre em "D. Sebastião", poema de 1984:

Haverá sempre um porto por achar
Em outro mar que não o navegado
Haverá sempre o que não é e o que não vem
Sua verdade está em o sonhar
E D. Sebastião é quem
Conquista em nós o inconquistado

Haverá sempre em nós um além sul
Um lugar que só é onde não está
Haverá outro espaço e um mais azul
(...)
Haverá sempre em nós um rei perdido
Por seu excesso de saudade e ânsia
Um ser de ainda não ser ou já ter sido
Outro tempo no tempo outra distância
A nossa pátria é sempre outro lugar
E quando alguém voltar Ninguém Ninguém
Haverá sempre um não chegar
E D. Sebastião é quem.

Fernando Pessoa, em 1934, no final de *Mensagem*, em "Nevoeiro", mostrava a natureza líquida do português, da sua desarticulação, da sua debilidade:

Ninguém sabe que coisa quer.
 Ninguém conhece que alma tem,
 Nem o que é mal nem o que é bem.
 (...)
 Tudo é incerto e derradeiro.
 Tudo é disperso, nada é inteiro.
 Ó Portugal, hoje és nevoeiro...

É a hora!

Mas, quase meio século depois, constata-se que a «Hora» não aconteceu. É Manuel Alegre que o escreve no final do poema "PAÍS EM inho", de 1981:

E há muito já que um poeta disse: É a Hora.
 Neste país de aqui. Neste país de Agora.

Face a este retrato de Portugal e da cultura portuguesa maioritariamente negativo, que desafios se inscrevem então ao ser-se português?

De um passado em que Portugal fora o centro em relação às suas colónias, encontra-se hoje na periferia em relação à Europa. Mas nem tudo são períodos sombrios e de afasia. Podemos identificar alguns momentos de optimismo em Portugal. São os momentos de Próspero, segundo Boaventura de Sousa Santos (2006), que decorreram no final do século XIX, com a Conferência de Berlim (1884-85); são as primeiras décadas do século XX; o 25 de Abril e a adesão à União Europeia.

Por sua vez, Miguel Real defende que a morte de Portugal significa apenas que está em vias de desaparecimento o Portugal das gerações nascidas até à década de 1960, animadas pelos quatro complexos identificados por este autor e referidos atrás, tendo-se transformado em apenas mais uma das regiões europeias. Encontram-se, assim, em vias de desaparecimento as características classicamente atribuídas aos portugueses como

a lentidão, a generosidade sem limites, um espírito emotivo anti-racionalista, um povo voltado para o sonho e para o passado, alimentando-se espiritualmente da saudade, imprevisível nas suas

ações, desprovido de calculismo tácito, “desenrascado”, (...) um português eternamente vocacionado para a emigração (Real 2007: 26-27).

Há, pois, discursos otimistas, de que é testemunho o patriotismo de Teixeira de Pascoaes em *A Arte de Ser Português*, de 1915, e, por exemplo, mais recentemente, Guilherme de Oliveira Martins, com *Portugal. Identidade e Diferença* (2007). Segundo o autor, Portugal tem hoje, no início do século XXI, a oportunidade de superar os traumas históricos e abrir-se à «cultura de diálogo» (Martins 2007: 22), ao «outro», persistindo no caminho europeu.

É também otimista, muitas vezes, o registo cronístico de Baptista-Bastos:

(...) possuímos força suficiente para mudar o rosto e o corpo moral e cultural do nosso país. Afim de que Portugal não continue a esperar para ser Portugal. (Baptista-Bastos 2010)

e

É evidente que as coisas não vão, porque não podem continuar assim. O clamor que se ouve, um pouco por todo o lado, e também e sobretudo no nosso país, é sinal de que há algo que muda. (Baptista-Bastos 2011⁹)

Que soluções se podem então apontar para que o país desenhe a sua cultura e atitudes face às adversidades? Baptista-Bastos relembra o valor da língua portuguesa: «(...) Possuímos alguma força? Talvez a da língua. Mas quem liga a esse pequeno pormenor?» (Baptista-Bastos 2010).

Por sua vez, a solução genérica que Almada Negreiros propôs no seu *Ultimatum* resume-se a: «Se sois homens sede Homens, se sois mulheres sede Mulheres da vossa época», pois só assim, adaptando o *Ultimatum*, se consegue criar o Portugal presente e futuro, no caso o Portugal do século XXI. Neste sentido, e «Porque um país tem o tamanho dos seus homens», como escreveu Manuel Alegre, em "E de súbito um sino" (1967), Eça de Queirós, no final do século XIX, sugere o caminho: «Com efeito, no sentido de legislar, organizar, e dirigir um país – viver é ser do seu tempo, estar no seu momento histórico, ajudar a criação social do seu século, sentir a comunhão das ideias novas.» (Eça de Queirós s/d⁹: 50). Mas este programa, mais de um século depois, não foi cumprido, os portugueses não conseguiram desvincular-se da imagem de brandos e em particular de brandos nos queixumes. O verso de

Fernando Pessoa, no poema "O Infante ", continua por isso actual: «Senhor, falta cumprir-se Portugal!».

Falta cumprir-se Portugal a nível político, económico e cultural. Para que isso aconteça é necessário fugir-se à tentação de soluções fáceis e de curto prazo, é necessário «estarmos muito conscientes das dificuldades com que nos confrontamos, mas recusarmo-nos a admitir que não há alternativas» (Boaventura 2011: 154). Essas alternativas passam não só pela Europa, como para além da Europa, reinventando-se o espaço geopolítico da CPLP, facilitando-se, por exemplo, a «circulação de técnicos e cientistas altamente qualificados no espaço da CPLP», a «transferência de tecnologias mutuamente vantajosas» e atraindo-se investidores desse espaço (Santos 2011: 100).

Terminamos com uma recolha de reflexões sobre Portugal, a partir de meados do século XIX até aos nossos dias, sobre o ser-se português. Impressiona a actualidade de alguma delas, talvez porque não se tenha feito o que Boaventura de Sousa Santos sugere no final do seu último livro sobre Portugal: «A consciência das dificuldades impede o facilitismo, enquanto a consciência das alternativas impede a autoflagelação» (Santos 2011: 154).

GLOSSÁRIO INCOMPLETO DO PENSAR PORTUGAL

ARTE

8- Porque Portugal quando não é um país de vadios é um país de amadores. A fé da profissão, isto é, o segredo do triunfo dos povos, é absolutamente alheio ao organismo português do que resulta esta contínua atmosfera de tédio que transborda de qualquer resignação. Também o português não sente a necessidade da arte como não sente a necessidade de lavar os pés. E a Literatura com todo o seu gramatical piegas e salista, diverte mais as visitas do que a necessidade de não ser ignorante. Daqui a miséria moral que transparece em todas as manifestações da vida nacional e em todos os aspectos da vida particular. (Negreiros 1917)

BUROCRATIZAR

6- Porque a constituição da família portuguesa não obedecendo, unânime ou separadamente a nenhum princípio de fé é o nosso descrédito de nação da Europa. Desde a educação familiar até depois da educação oficial, inclusive o casamento, a desordem faz-se progressivamente até à putrefacção nacional. E tudo tem origem na

inconsciência com que cada um existe: em Portugal toda a gente é pai pela mesma razão porque falta à repartição. (...) Em Portugal educar tem um sentido diferente; em Portugal educar significa burocratizar. (Negreiros 1917)

CLASSE MÉDIA

A classe média abate-se progressivamente na imbecilidade e na inércia. (Queirós [1890-1891²] s/d^a: 9)

CONVERSAÇÃO

Conversar para o Português constitui uma dificuldade, um transe: é o Cabo das Tormentas dos modernos *Lusíadas*. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 224)

Os cafés são soturnos. Meio deitados para cima das mesas, os homens tomam o café a pequenos goles, ou fumam calados. A conversação extinguiu-se. Ninguém possui ideias originais e próprias. Há quatro ou cinco frases, feitas de há muito, que se repetem. Depois boceja-se. Quatro pessoas reúnem-se: passados cinco minutos, murmuradas as trivialidades, o pensamento de cada um dos conversadores é poder-se livrar dos outros três. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 29)

COSTUMES

Os costumes estão dissolvidos e os caracteres corrompidos. A prática da vida tem por única direcção a conveniência. Não há princípio que não seja desmentido, nem instituição que não seja escarnejada. Ninguém se respeita. Não existe nenhuma solidariedade entre os cidadãos. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 9)

Portugal, não tendo princípios, ou não tendo fé nos seus princípios, não pode propriamente ter costumes. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 25)

DIPLOMACIA

Uma das coisas que prejudica a nossa diplomacia é ela não possuir espírito. Ser espirituoso é metade de ser diplomata. (...) Ora, com compunção o dizemos, a nossa diplomacia não tem espírito. Seria por isso bem útil que o ministério dos estrangeiros examinasse os seus diplomatas. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 178)

² Optamos por colocar entre [] a data da escrita ou primeira publicação para uma melhor identificação cronológica da citação. No caso da referência s/d^a de Eça de Queirós, trata-se dos artigos de Eça que foram publicados originariamente n^o *As Farpas*, em 1871-1872. Porém, a obra que referimos na bibliografia e de onde foram retiradas as citações aqui apresentadas é *Uma Campanha Alegre de As Farpas*, datada de 1890-1891. Por isso, neste caso, será essa a data indicada doravante.

ECONOMIA

A ruína económica cresce, cresce, cresce... O comércio definha, a indústria enfraquece. O salário diminui. A renda diminui. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 9)

Por outro lado o comércio sofre desta pobreza da burocracia, e fica ele mesmo na alternativa de recorrer também ao Estado ou de cair no proletariado. A agricultura, sem recursos, sem progresso, não sabendo fazer valer a terra, arqueja à beira da pobreza e termina sempre recorrendo ao Estado. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 26.)

EMIGRAÇÃO

A emigração, entre nós, é decerto um mal. Em Portugal quem emigra são os mais enérgicos e os mais rijamente decididos; e um país de fracos e de indolentes padece um prejuízo incalculável, perdendo as raras vontades firmes e os poucos braços viris. Em Portugal a emigração não é, como em toda a parte, a transbordação de uma população que sobra; mas a fuga de uma população que sofre. (...) mas a miséria que instiga a procurar em outras terras o pão que falta na nossa. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 234)

Vamos todos! É estranho – que haja quem estranhe a emigração. Nós estamos num estado comparável somente à Grécia: mesma pobreza, mesma indignidade política, mesma trapalhada económica, mesmo abaixamento dos caracteres, mesma decadência de espírito. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 235)

Que querem os senhores que se faça num país destes? Sair, fugir, abandoná-lo! O País é belo, sim, de deliciosa paisagem. Mas a política, a administração, tornaram aqui a vida intolerável. Seria doce gozá-la, não tendo a honra de lhe pertencer. Só *se pode ser português – sendo-se inglês!* (Queirós [1890-1891] s/d^a: 237)

Solitário/ por entre a gente eu vi o meu país. / Era um perfil/de sal/ e Abril/ Era um puro país azul e proletário./ Anónimo passava. E era Portugal/ Que passava por entre a gente e solitário/ nas ruas de Paris. (Alegre³, "Portugal em Paris ", 1967)

³ Nos poemas faremos a referência ao autor, ao título do poema e à data, quando conhecida, por serem os elementos que melhor contribuem para a identificação cultural da citação. No final, na bibliografia, refere-se a obra do poeta citado. Como no geral são antologias não haverá problemas em identificar a obra, uma vez que se refere apenas uma por poeta.

Vão-se os homens desta terra./ Aqui fumavam seu tabaco/ aqui esperavam desesperavam/ aqui bebiam seu vinho/ tinham suas mulheres. Batiam-lhes. Amavam-nas/ (...)/ E as mãos dos homens ficavam/cada vez mais cheias/ de nada./ E a minha pátria ficava/ cada vez mais cheia/ de sombras.// Vão-se os homens desta terra. // Já não tinham que perder/ Já não tinham que deixar. Ficam sombras sombras sombras. (Alegre, "Vão-se os homens desta terra ", 1967)

ESTADO

1890-91: O Estado é considerado na sua acção fiscal como um ladrão e tratado como um inimigo. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 9)

A própria indústria faz-se protecção pelo Estado e trabalha sobretudo em vista do Estado. A imprensa até certo ponto vive também do Estado. A ciência depende do Estado. O Estado é a esperança das famílias pobres e das casas arruinadas. Ora como o Estado, pobre, paga pobremente, e ninguém se pode libertar da sua tutela para ir para a indústria ou para o comércio, esta situação perpetua-se de pais a filhos como uma fatalidade. Resulta uma pobreza geral. Com o seu ordenado ninguém pode acumular, poucos se podem equilibrar. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 26)

EUROPA

Mais do que viver do passado religioso e marinho, como o Estado Novo o fez ao longo de 48 anos, Portugal alimenta-se do futuro desde o 25 de Abril de 1974; primeiro do futuro socialista (...), e, depois, desde 1980, ano do acordo de pré-adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia, da ambição de sermos exclusivamente Europa, tão normais quanto qualquer outro cidadão europeu – isto é, técnicos, assépticos, inodoros, incolores e, de preferência, sem opinião que não a do chefe. (Real 2007: 23)

Estamos a ser definidos pelos outros, estamos a ser espoliados das nossas pessoais identidades, estamos a ser manipulados, manobrados, dirigidos, orientados, indiferentes ao facto de estarmos a ser reduzidos nas nossas liberdades. (Baptista-Bastos 2011^b).

FRONTEIRA

Uma fronteira é um rio entre um país e o longe.// (...) O meu país é uma fronteira violada/ entre um pinheiro e a lua. Entre silêncio e pedras./ O meu país é uma fronteira atravessada/ por seu sangue nas veias dos seus homens.// (...)// Eu já passei fronteiras que doíam muito./ Como voltar? O meu país ficava entre esta margem/ e o longe. Eu já passei fronteiras onde um homem/ fica cortado ao meio entre um país e o longe. (Alegre, "Paris não rima com meu país ", 1967)

GLOBALIZAÇÃO

O que me consola é que todas as nações se vão desnacionalizando e que tudo tende a uma unidade comum (...) Dentro em pouco, há-de haver um só tipo de homens, em toda a Europa, com o mesmo feitio moral, as mesmas frases, e o mesmo corte de barba. (Queirós, "Carta a Oliveira Martins, Angers, 10 de Maio de 1884"⁴, s/d^b: 65)

HORROR

Concorre muito para que a nossa diplomacia não seja brilhante, o horror que o País tem a ser representado por homens inteligentes. Não se pode dizer que isto proceda do amor de os possuir no seu seio: antes parece que o domina o terror de que eles vão destruir a reputação de embrutecimento que o País goza lá fora. A verdade é que, quando algum homem inteligente vai em missão diplomática, os jornais bravejam, e a opinião pública apita! (Queirós [1890-1891] s/d^a: 179)

IDEIAS

O desprezo pelas ideias aumenta em cada dia. Vivemos todos ao acaso. Perfeita, absoluta indiferença de cima a baixo! Todo o viver espiritual, intelectual, parado. O tédio invadiu as almas. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 9).

JUVENTUDE

A mocidade arrasta-se, envelhecida, das mesas das secretarias para as mesas dos cafés. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 9).

LIBERDADE

(...) Só há liberdade a sério quando houver/ a paz, o pão/ habitação/ saúde, educação/ só há liberdade a sério quando houver/ liberdade de mudar e decidir / quando pertencer ao povo o que o povo/ produzir. (Godinho 2007: 112)

MEDO

Outro mal seu [das mulheres] é o medo, um medo terrível de tudo; de ladrões, de trovoadas, de fantasmas, da morte, dos corredores escuros, dos castigos de Deus. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 328)

O medo herda-se. Porque interiorizado, mais inconsciente do que consciente, acaba por fazer parte do "carácter dos portugueses" (...). O medo é uma estratégia para nada inscrever. (...) Medo de agir, de tomar decisões diferentes da norma vigente, medo de amar, de criar, de viver.

⁴ Colocamos aqui a correspondência a que esta e outras citações dizem respeito pela relevância cultural.

Medo de arriscar. A prudência é a lei do bom senso português. (Gil 2005: 78-79)

A moral do nosso tempo absorve a personalidade individual, limita-lhe a vida, coarctá-lhe a existência, e faz do homem um ser absolutamente controlado. O medo, que invadiu e se instalou nas sociedades ditas modernas, é o coercivo processo de intimidação e de domínio que faz de nós pessoas recalcadas e infelizes. O medo de perder o emprego, o medo de perder a saúde, o medo compacto e abusivo de desagradar ao patrão, o medo da velhice, o medo da solidão, são os medos impostos pelas classes dominantes como construção permanente. (Baptista-Bastos 2011^b)

MISÉRIAS

Claro que somos ressentidos e rancorosos. As nossas raivas procedem das desigualdades afrontosas com que, desde muito cedo, nos deparamos. A frase, cabisbaixa, segundo a qual haverá sempre ricos e pobres tem servido a uns e amarfanhado a outros. De vez em quando servem-nos umas migalhas e atenuamos as nossas dores com essas módicas felicidades. Um estudo, "Classes Sociais e a Desigualdade na Saúde", do sociólogo Ricardo Antunes, de que o *Público* deu notícia pormenorizada, indica, com dados evidentemente probatórios, que "os ricos vivem mais dez anos do que os pobres". As dificuldades, os problemas insanos, a incultura, a iliteracia, a falta de relações sociais, a ausência de perspectivas pertencem ao rol das misérias com que se debate a esmagadora maioria dos cidadãos. (Baptista-Bastos 2011^b)

MODA

A moda começa por ter isto de absurdo: não é ela que é feita para o corpo – mas o corpo que tem de ser modificado para se ajeitar nela. (...) Hoje mais do que nunca se glorifica a beleza, e o corpo é o fim supremo (...) A moda destrói a beleza e destrói o espírito (...) Depois da anemia do corpo, o que nas nossas raparigas mais impressiona – é a fraqueza moral que revelam os modos e os hábitos (Queirós [1890-1891] s/d^a: 326-328)

NAÇÃO

Nação, Nação, boa amiga! não nos queiras mal. Tu és velha, tu és fabulosamente velha, tu és de *além da campa!* Mas tens o carácter firme. E no meio da leviandade movediça destes partidos liberais – tu tens uma vantagem. Lançaste a âncora no meio do oceano e ficaste parada. Estás apodrecida, cheia de algas, de conchas, de crostas de peixes, mas não andaste no ludíbrio de todas as ondas e na camaradagem de todas as espumas! Tu eras excelente – se fosses viva. Mas és um jornal *sombra*. És tão viva como *Eneias*. Tão contemporânea

como *Telémaco*. Volta, *Nação*, para ao pé das tuas sombras queridas! E apresenta as nossas saudações carinhosas ao Sr. D. Afonso II, o Gordo! (Queirós [1890-1891] s/d^a: 82)

ÓDIO

5- Porque Portugal não tem ódios, e uma raça sem ódios é uma raça desvirilizada porque sendo o ódio o mais humano dos sentimentos é ao mesmo tempo uma consequência do domínio da vontade, portanto uma virtude consciente. O ódio é o resultado da fé e sem fé não há força. A fé, no seu grande significado, é o limite consciente e premeditado daquele que dispõe de uma razão. Fora desse limite existe o inimigo, isto é, aquele que dispõe de outra razão. (Negreiros 1917)

OPINIÃO

O homem, à maneira que perde a virilidade de carácter, perde também a individualidade de pensamento. Depois, não tendo de formar o carácter, porque ele lhe é inútil e teria a todo o momento de o vergar; – não tendo de formar uma opinião, porque lhe seria incómoda e teria a todo o momento de a calar – acostuma-se a viver sem carácter e sem opinião. Deixa de frequentar as ideias, perde o amor da rectidão. Cai na ignorância e na vileza. Não se respeitando a si, não respeita os outros: mente, atraiçoa, e se chega a medrar, é pela intriga. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 27-28)

PÁTRIA

É justo que pensemos um pouco na Pátria. Porque, enfim, temos uma *pátria*. Temos pelo menos um *sítio*. Um *sítio* verdadeiramente é que temos: isto é – uma língua de terra onde construímos as nossas casas e plantamos os nossos trigos. O nosso *sítio* é Portugal. Não é propriamente uma *nação*, é um *sítio*. Já não achamos mau! (Queirós [1890-1891] s/d^a: 248).

POBREZA

A principal origem da nossa pobreza é a desigualdade dos haveres (Garrett, [1826] 1991: 156)

Tudo é pobre: a preocupação de todos é o *pão de cada dia*. Esta pobreza geral produz um aviltamento na dignidade. Todos vivem na dependência: nunca temos por isso a atitude da nossa consciência, temos a atitude do nosso interesse. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 26-27)

POLÍTICOS

Já se não crê na honestidade dos homens públicos. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 9)

Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o *poder*, perdem o *poder*, reconquistam o *poder*, trocam o *poder*... (Queirós [1890-1891] s/d^a: 61)

A politiqueirada portuguesa é uma gentalha execranda, parlapatona, intriguista, charlatã, exibicionista, fanfarrona, de um empertigamento patarreco — e tocante de candura. Deus. É pois isto a democracia? (Ferreira [1979] 1982: 295)

A disparidade social cria, inevitavelmente, ressentidos e invejosos. Não temos nada a ver com esta gente: somos portugueses do outro lado, espoliados, confiscados, esvaziados de sonhos e de esperanças porque estes senhores [os políticos] assim quiseram. (Baptista-Bastos 2011^o)

Como não temos políticos à altura dos desafios históricos que se avizinham, vamo-nos remediando com esta mediocridade presunçosa que se move por todos os locais (Imprensa, Rádio e televisões incluídas). É tristemente assustador ouvir ou ler os preopinantes que, mercê de compadrios e de cumplicidades inexplicáveis, atroam, agora, as pessoas de boa-fé com as tolices arrogantes, os dislates indecorosos e, sobretudo, os insultos, as injúrias e as calúnias lançados sobre portugueses ilustres, que já se não podem defender. (Baptista-Bastos 2011^o)

PORTUGAL

Estamos em um país pequeno, pobre, mal povoado, mal educado. Certo é, inda mal que certo; certo, pequenos somos, pobres nos fizeram, despovoados nos deixaram, pessimamente nos têm educado. (Garrett [1826] 1991: 153)

Esta nossa terra, pobre, abatida, ludibriada pelos estranhos, tiranizada pelos corruptos, amamo-la mesmo assim, amamo-la tanto quanto os filhos das nações ricas e poderosas amam a sua pátria; amamo-la mais ainda, porque neste amor há uma saudade pelas glórias passadas, uma dor piedosa pelos padecimentos de agora. (Herculano [1851] 1983: 285)

Portanto, oh querido amigo, Você alegre-se em poder continuar nesse *obscuro e velho armário* que se chama Portugal. (Queirós, "Carta a Ramalho Ortigão, Havana, 1873", s/d^b: 20)

O exílio importa a glorificação da pátria. (...) Assim, eu, de Portugal, esqueci o mau – e constantemente penso nas belas estradas do Minho, nas aldeolas brancas e frias – *e frias!* – no bom vinho verde que eleva a alma, nos castanheiros cheios de pássaros, que se curvam e roçam por

cima do alpendre do ferrador... (Queirós, "Carta a Ramalho Ortigão, Havana, 1873", s/d^b: 23)

Perdeu-se através de tudo isto o sentimento de cidade e de pátria. Em Portugal o cidadão desapareceu. E todo o País não é mais do que *uma agregação heterogénea de inactividades que se enfastiam*. É uma Nação talhada para a ditadura – ou para a conquista. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 29-30)

O País não pode em sua honra consentir que os Espanhóis o venham ver. O País está atrasado, embrutecido, remendado, sujo, insípido. O País precisa fechar-se por dentro e correr as cortinas. E é uma impertinência introduzir no meio do nosso total desarranjo, hóspedes curiosos, interessados, de luneta sarcástica! (Queirós [1890-1891] s/d^a: 184-185)

Portugal que com todos estes senhores conseguiu a classificação do país mais atrasado da Europa e de todo o Mundo! O país mais selvagem de todas as Áfricas! O exílio dos degredados e dos indiferentes! A África reclusa dos europeus! O entulho das desvantagens e dos sobejos! Portugal inteiro há-de abrir os olhos um dia – se é que a sua cegueira não é incurável e então gritará comigo, a meu lado, a necessidade que Portugal tem de ser qualquer coisa de asseado! (Negreiros 1915)

Creio-me portanto, como português, com o direito de exigir uma pátria que me mereça. Isto quer dizer: eu sou português e quero portanto que Portugal seja a minha pátria. Eu não tenho culpa nenhuma de ser português, mas sinto a força para não ter, como vós outros, a cobardia de deixar apodrecer a pátria. (...) Portugal é um país de fracos. Portugal é um país decadente. (Negreiros 1917)

Ó Portugal, se fosses só três sílabas/ de plástico, que era mais barato! (O'Neil, "Portugal", 1965)

No meu país não acontece nada/ à terra vai-se pela estrada em frente/
Novembro é quanta cor o céu consente/ às casas com que o frio abre a praça// (...) // A minha terra é uma grande estrada/ que põe a pedra entre o homem e a mulher/ O homem vende a vida e verga sob a enxada/ O meu país é o que o mar não quer (Belo, "Morte ao meio-dia", 1966).

Que Portugal se espera em Portugal?/ Que gente ainda há-de erguer-se desta gente? // (...) // Velhos e novos, moribundos mortos/ se arrastam todos para o nada nulo./ Uns cantam, outros choram, mas tão tortos/

que a mesquinhez tresanda ao mais singelo pulo. (Jorge de Sena, «L'été au Portugal», 1971)

O teu destino é nunca haver chegada/ O teu destino é outra índia [sic] e outro mar/ E a nova nau lusíada apontada/ A um país que só há no verbo achar (Alegre, "Portugal", 1984).

É claro que tudo isto é uma chatice/ Estávamos habituados a acreditar em qualquer coisa/ Fosse A Terra Prometida O Dia de Amanhã ou A Esperança (...)// E navegámos tanto tempo/ (...)// Não há dúvida temos um passado/ Talvez de mais/ Talvez tanto que não deixa lugar para o futuro// Mas fomos pelo mar chegámos longe// E agora Portugal o que será de ti/ Se não formos capazes de chegar/ Aqui (Alegre, "Chegar aqui", 1984)

Portugal é um lugar de sofrimento e de desespero, e a sua História um longo eclipse da razão: um país sem rigor moral. (Baptista-Bastos 1991: 141)

Mas, valha a verdade, o País também assim está: indolente, inerte, madraço. Madraço, mentalmente. Porque, ao contrário do que por aí se diz, o português trabalha que se farta, mas os resultados são minguidos. (...) A pátria precisa, em todos os sectores, de um sacolejão forte. Não se pode permitir que a nossa juventude esteja esmorecida, e procure, no estrangeiro, regras de vida e pão para a boca. (...)

Quando se vê o programa "Quem Quer ser Milionário" apercebemos do que é o País. Professores ignorantes, alunos em estado de petrificação mental, e um conhecimento profundo, exacto e rigoroso do que ocorre no mundo do futebol. Aí, não há quem não saiba tudo e mais alguma coisa sobre campeonatos nacionais e estrangeiros, nomes de jogadores, de treinadores, de donos dos clubes. Carlos de Oliveira escreveu, um dia, que "a tristeza é o vinho da vingança." Que vingança? (Baptista-Bastos 2011^a)

PORTUGUESES

O português, como os decadentes, só conhece os sentimentos passivos: a resignação, o fatalismo, a indolência, o medo do perigo, o servilismo, a timidez, e até a inversão. (...) O povo completo será aquele que tiver reunido no seu máximo todas as qualidades e todos os defeitos. Coragem, Portugueses, só vos faltam as qualidades. (Negreiros 1917)

Pensar o meu país. De repente toda a gente se pôs a um canto a meditar o país. (...) Mas para se chegar ao país tem de se atravessar o espesso nevoeiro da mediocralhada que o infestou. Será que a democracia exige a mediocridade? Mas os povos civilizados dizem que

não. Nós é que temos um estilo de ser medíocres. Não é questão de se ser ignorante, incompetente e tudo o mais que se pode acrescentar ao estado em bruto. Não é questão de se ser estúpido. Temos saber, temos inteligência. (...) Nós somos sobretudo ridículos porque o não queremos parecer. (Ferreira [1979] 1983: 295)

Mas os portugueses são pequenos mortos carregados de bandos de filhos. Lastimam-se, lamentam-se, queixam-se; só raramente protestam, só raramente se indignam: falam baixo. Raquíticos, supersticiosos, ignorantes, obesos, confundem passado, presente e futuro, embebedam-se, escarram no chão, batem nas mulheres, recriminam-se uns aos outros investem-se de mitos primitivos, habitam espaços reduzidos em bairros infectados, elevam os sons das rádios para lá dos limites suportáveis, discutem futebol toda a semana, crêem na má-sorte, acreditam no milagre de Fátima, amontoam-se, tornam-se patéticos com a modéstia abjecta dos seus desejos; voltam a embebedar-se. Eilos maltratados, agredidos, feridos, arranhados: e resignam-se à ilusória ficção de que, quando contam as suas desgraças, são escutados com reverente compreensão e simpatia. E fazem-no sem pudor. Satisfazem-se demonstrando as suas misérias, até publicamente. Nas bichas dos carros eléctricos, no interior dos autocarros apinhados, no confuso tumulto das carruagens do metro, odores de suor de corpos mal lavados, detritos, imundices, fétidos rostos de cadáveres, zangas sem significado, intrigas, vaidades, anedotas, piadas grosseiras, astúcias menores, manhas grotescas. Aos domingos passeiam aos magotes pelos centros comerciais (Baptista-Bastos 1991: 31).

Ser português não é uma nacionalidade: é um calvário. Fomos educados a fazer aquilo que os outros fazem e a gostar daquilo que os outros gostam. Não vivemos de sonho: alimentamos a ilusão, iludimo-nos, e iludimo-nos conscientemente, caminhámos como aturdidos para o abismo sem reflectir, sem interpelar e sem questionar. (Baptista-Bastos 1991:141)

Somos tristes, macambúzios e cabisbaixos. Salazar, ele mesmo, escreveu outra frase absurda, pretendidamente definidora das nossas características. "Somos um País de costumes brandos e de hábitos morigerados." Sempre embiquei com a expressão, sobretudo com a última palavra. Pegamos toiros à unha, matamos por um fio de água, esquartejamos a mulher adúltera, somos rudes, por vezes bravos, por vezes fanfarrões. Outro mito que se nos pegou foi o de sermos calões, madraços. Bom. Na Europa trabalhamos mais horas do que outro, ganhamos metade do que os outros ganham e expomos uma submissão, a que os patrões chamam "humildade", nascida das

necessidades que nos impõem e das grilhetas que nos aguardam. (Baptista-Bastos 2011^d)

POVO

O povo está na miséria. (...) O povo, esse, reza. É a única coisa que faz além de pagar. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 9-13)

QUEIXUME

(...) um dos laços mais fortes da sociabilidade política (que substituiu, em parte, o laço de cidadania, muito fraco) é o queixume – cuja relação com a inveja é das mais estreitas (Gil 2005: 91).

RESSENTIMENTO

É dentro de um banho de ressentimento que melhor se desenvolve a inveja, é no queixume implícito de se achar a si mesmo pequeno que se inveja alguém que pretende ser maior. (Gil 2005: 93)

SILÊNCIO

Pátria vista da fraga onde nasci./ Que infinito silêncio circular!/ De cada ponto cardeal assoma/ a mesma expressão muda. É de agora ou de sempre esta paisagem/ Sem palavras/ Sem gritos,/ sem o eco sequer de uma praga incontida?/ Ah Portugal calado! Ah povo amordaçado/ Por não sei que mordaza consentida! (Torga, "Panorama", 1966)

Neste país sem olhos e sem boca/ hábito dos rios castanheiros costumados/ país palavra húmida e translúcida/ palavra tensa e densa com certa espessura/ (pátria, de palavra apenas tem a superfície) / (...). (Belo, "Lugar onde", 1973)

Não é possível suportar tanta água benta/ (...)// Não é possível suportar tanta sebenta/ (...) // Não é possível suportar tanta agonia/ (...) // ((...)) Neste país tão mudo. Neste país tão mudo) (Alegre, "PAÍS EM inho", 1981).

TRANSPORTES

A companhia dos caminhos-de-ferro está abusando um pouco da amizade impaciente que (no seu entender) nós e a Espanha nutrimos reciprocamente. A cada momento nos facilita entrevistas baratas e ternas. Sim, decerto, nós e os Espanhóis meigamente nos amamos! Mas não sentimos a necessidade urgente e ávida de nos precipitarmos, assim, todos os oito dias, nos braços uns dos outros! (...) A companhia dos caminhos-de-ferro, com intenções amáveis e civilizadoras, coloca-nos em embarços terríveis. Digamo-lo rudemente: nós não estamos em estado de receber visitas (Queirós [1890-1891] s/d^a: 184)

UNIVERSAIS

Não sabemos para onde vamos, mas isso também não importa. E não por acaso, sem o termos feito expressamente, encontramos-nos sem verdadeiramente sairmos de casa, com o sentimento de sermos simbolicamente ubíquos e oniricamente universais. (Lourenço 1999: 16)

VIOLÊNCIA

O *Diário de Notícias*, jornal que tem imposto aos seus correspondentes o hábito das informações escrupulosas e sérias, inseria ultimamente uma carta de Gouveia em que era narrado este caso: «Um marido matara sua mulher, partira aos pedaços, fora preso e condenado...» Reparem bem! «E condenado... a varrer as ruas de Gouveia!». De modo algum queremos limitar os maridos no direito de decepar suas mulheres. São miudezas domésticas em que não intervimos. (...) Que a justiça, pois, nos esclareça sobre estes pontos: se limpar as ruas é uma penalidade nova, e se, a troco de quatro vassouradas, qualquer cidadão pode ter a vantagem de espatifar sua esposa: se a imundície especial e pavorosa das ruas de Gouveia torna realmente essa pena igual à do degredo: ou se o sr. Juiz de Gouveia entende que matar a esposa é acto tão meritório que merece um emprego remunerado pela câmara. Esperamos, modestos e respeitosos, as respostas dos poderes públicos. (Queirós [1890-1891] s/d^a: 165-167)

XÓ! XÔ!

ZUS!

Bibliografia

- Alegre (1997): Manuel Alegre, *30 anos de Poesia*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Baptista-Bastos (1992): Baptista-Bastos, *Um Homem Parado no Inverno*, Lisboa, *O Jornal*. Baptista-Bastos (2010): Baptista-Bastos, "Que Portugal é este?", *Jornal de Negócios*, 22/10/2010, http://www.jornaldenegocios.pt/home.php?template=SHOWNEWS_V2&id=450083 [acedido em 30/3/2011].
- Baptista-Bastos (2011^a): Baptista-Bastos, "A pátria está a precisar de um forte sacolejão", *Jornal de Negócios*, 14/1/2011, http://www.jornaldenegocios.pt/home.php?template=SHOWNEWS_V2&id=484461 [acedido em 9/2/2011].

Baptista-Bastos (2011^b): Baptista-Bastos, "Esta pobre gente Rica", *Diário de Notícias*, 9/2/2011,

http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content_id=1779370&secao=Baptista+Bastos&tag=Opini%3o+-+Em+Foco

[acedido em 9/2/2011].

Baptista-Bastos (2011^c): Baptista-Bastos, "Apenas um pouco mais de coragem ", *Jornal de Negócios*, 11/2/2011,

http://www.jornaldenegocios.pt/home.php?template=SHOWNEWS_V2&id=468053 [acedido em 11/2/2011]

Baptista-Bastos (2011^d): Baptista-Bastos, "Esperança, força e futuro ", *Jornal de Negócios*, 13/5/2011,

http://www.jornaldenegocios.pt/home.php?template=SHOWNEWS_V2&id=484461 [acedido em 14/5/2011].

Belo (1998): Ruy Belo, *País Possível*, Lisboa, Editorial Presença.

Gil (2005): José Gil, *Portugal, Hoje. O Medo de Existir*, Lisboa, Relógio d'Água.

Ferreira (1982): Vergílio Ferreira, *Conta-Corrente*, Amadora, Bertrand Editora

Garret (1991): Almeida Garrett, *Obra Política – Doutrinação da Sociedade Liberal (1824-27)*, Lisboa, Editorial Estampa.

Godinho (2007): Sérgio Godinho, *55 Canções*, Lisboa, Assírio e Alvim.

Herculano (1983): Alexandre Herculano, *Opúsculos – Questões Públicas*, Tomo I, Lisboa, Livraria Bertrand.

Lourenço (1997): Eduardo Lourenço, *Nós como Futuro*, Lisboa, Assírio & Alvim.

Lourenço (1999): Eduardo Lourenço, *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, Lisboa, Gradiva.

Martins (2007): Guilherme de Oliveira Martins, *Portugal. Identidade e Diferença*, Lisboa, Gradiva.

Negreiros (1917): Almada Negreiros, "Ultimatum Futurista às Gerações Portuguezas do Século XX ", *Portugal Futurista*, em Nuno Júdice/ Teolinda Gersão [1984], *Portugal Futurista*, Edição *facsimile*, Lisboa, Instituto Português do Livro.

Negreiros (1915): Almada Negreiros, "Manifesto Anti-Dantas" [acedido em 2/2/2011]

http://www.prof2000.pt/users/tomas/manifesto_anti.htm

- O'Neill (1998): Alexandre O'Neill, *Feira Cabisbaixa*, Lisboa, Relógio d'Água.
- Pascoaes (1993): Teixeira de Pascoaes, *A Arte de Ser Português*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- Pessoa (1992): Fernando Pessoa, *Mensagem*, Lisboa, Edições Ática.
- Queirós (1913): Eça de Queirós, *Notas Contemporâneas*, Porto, Lello & Irmão.
- Queirós (s/d^a): Eça de Queirós, *Uma Campanha Alegre de As Farpas*, Lisboa, Livros do Brasil.
- Queirós (s/d^b): Eça de Queirós, *Correspondência*, Porto, Lello & Irmão.
- Real (2008): Miguel Real, *A Morte de Portugal*, Porto, Campo das Letras.
- Santos (2002): Boaventura de Sousa Santos, *Pela Mão de Alice: o Social e o Político na Pós-modernidade*, Porto, Edições Afrontamento.
- Santos (2006): Boaventura de Sousa Santos, *A Gramática do Tempo: para uma nova Cultura Política*, Porto, Edições Afrontamento.
- Santos (2011): Boaventura de Sousa Santos, *Portugal-Ensaio contra a Autoflagelação*, Coimbra, Almedina.
- Santos (2000): José Carlos Ary dos Santos, *Obra Poética*, Lisboa, Edições Avante.
- Sena (2010): Jorge de Sena, *Antologia Poética*, Lisboa, Guimarães Editores.
- Torga (1992): Miguel Torga, *Antologia Poética*, Coimbra, Edição de Autor.